
O escritor e o rádio - sete romances de Erico Verissimo¹

Doris Fagundes HAUSSEN²

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

O artigo analisa a presença do rádio em sete romances de Erico Verissimo publicados entre 1933 e 1943, período em que o veículo era implantado e desenvolvido no país. Procura-se verificar como o rádio é incorporado na produção literária e, também, refletir sobre os imaginários circulantes sobre a nova tecnologia à época. Com estes objetivos, foram analisados os 58 trechos em que o rádio é citado, bem como as categorias radiofônicas presentes, que foram selecionadas à medida em que surgiam nas inserções sobre o rádio nos romances. Conclui-se que o veículo é percebido principalmente como nova tecnologia e símbolo de status, sendo utilizado para difundir música, notícias, publicidade, novelas e novas profissões como as cantoras de rádio. O estudo sobre imaginário baseou-se em Morin (1984), Silva (2001), Sarlo (1997) e Beauvoir (1982).

Palavras-chave: rádio; romance; imaginário; Erico Verissimo

Introdução

Ao longo de sua trajetória literária Erico Verissimo produziu mais de trinta livros, entre romances, obras dedicadas às crianças e aos jovens, livros de viagem e autobiográficos (Hohlfeldt, 1984). O escritor nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em 1905, e faleceu em Porto Alegre, em 1975. Sua juventude coincide com o nascimento do rádio e, ao longo da sua carreira, esta influência aparece em muitos de seus livros e, também, na sua atuação no veículo. Já em 1937 Verissimo contava histórias para crianças na rádio Sociedade Farrroupilha de Porto Alegre:

¹ Trabalho apresentado ao GP Rádio e Mídia Sonora, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora, Pesquisadora PQ/CNPq associada à PUCRS. E-mail: dorishaussen@gmail.com

Na então PRH-2, (Erico Verissimo) incorpora, diariamente, o *Amigo Velho*, improvisando estórias para a *Hora Infantil* da emissora. Muitas delas vão aparecer em livros como *As aventuras do avião vermelho*, *Os três porquinhos pobres* ou *Rosa Maria no castelo encantado*, editados pela Coleção Nanquinote. No programa funciona, ainda, o Clube dos Três Porquinhos, que confere diplomas aos ouvintes-mirins, a ele associados” (FERRARETTO, 2017).

O primeiro livro de contos de Erico Verissimo, “Fantoches”, é lançado em 1932, e até a metade dos anos 40 ele produziria sete romances e dois livros de viagens, além de livros infantis. Os romances são “Clarissa” (1933), “Caminhos cruzados” (1935), “Música ao longe” (1935), “Um lugar ao sol” (1936), “Olhai os lírios do campo” (1938), “Saga” (1941) e “O resto é silêncio” (1943). Um segundo momento da obra de Verissimo compreende a publicação de “O tempo e o Vento”, composta por “O continente” (1947), “O retrato” (1951) e “O arquipélago” (1961). Neste meio tempo ele também publica a novela “Noite” (1954). Posteriormente, em 1965, é lançado “O senhor Embaixador” e, por último, em 1971, “Incidente em Antares”.

Este artigo analisa a presença do rádio nos sete romances, escritos entre 1933 e 1943, que constituem o que ficou chamado de “ciclo de Porto Alegre”, pois neles os enredos referem-se principalmente à capital gaúcha, e que coincide com a implantação do rádio na cidade e no mundo. O objetivo é verificar como o autor, que vive também os primeiros anos do veículo, percebe e inclui o rádio em sua produção literária. Busca-se, ainda, refletir sobre os imaginários que circulavam sobre a nova tecnologia à época, e que são apropriados por Erico Verissimo. Neste sentido, analisou-se os trechos em que o rádio é citado e as categorias radiofônicas presentes. Os critérios para a seleção das categorias foram sendo criados a partir da incidência das mesmas nos trechos sobre rádio presentes nos romances. Para os estudos sobre o imaginário os autores utilizados foram Morin (1984), Silva (2001), Sarlo (1997) e Beauvoir (1982).

Os livros e o rádio

Nos sete romances analisados o rádio está presente, havendo, no total, 58 alusões ao veículo que remetem, principalmente, ao rádio como símbolo de status e nova tecnologia (22 citações) e à música ouvida nas emissoras (14 citações). A seguir aparecem as cantoras de rádio (9 citações), as notícias (7), a publicidade (2), as novelas (2), e, por fim, a política e a prestação de serviços (1 citação cada).

Em “Clarissa” (1933) há duas citações e elas referem-se à importância de possuir um aparelho de rádio e à música irradiada por emissora de Buenos Aires e captada na cidade. “Caminhos cruzados” (1935) traz 10 citações, sendo cinco sobre música e cinco sobre o aparelho e o hábito de ouvir rádio. “Música ao longe” (1935) apresenta três inserções sobre o veículo, todas sobre o rádio como nova tecnologia. “Um lugar ao sol” (1936) traz oito referências, sendo três sobre o aparelho assim como três relativas à música e duas sobre as cantoras de rádio. “Olhai os lírios do campo” (1938) conta com seis inserções, sendo duas sobre a música e, com uma referência cada, a prestação de serviços, o aparelho, a política e a informação. “Saga” (1941) é o romance que mais aborda o rádio, com 19 inserções. Delas, sete são sobre cantoras de rádio, seis sobre o status de possuir um aparelho, três são sobre notícias, duas referem-se à publicidade e uma sobre música. Por fim, “O resto é silêncio” (1943) traz dez inserções, sendo que as notícias e o aparelho de rádio contam com três inserções cada e a música e as novelas duas referências cada uma.

A seguir, no quadro 1 apresenta-se as categorias preponderantes, o número de inserções e o total:

Quadro 1

Categorias	Inserções sobre Rádio
N.Tec/status	22
Música	14
Cantoras de rádio	9
Notícias	7
Novelas	2
Publicidade	2
Política	1
Prestação de serviços	1
Total	58

Fonte: Elaboração própria

No quadro 2 indica-se os romances analisados, o ano de publicação, as categorias predominantes e o número de inserções por romance, além do total:

Quadro 2

Romance/ Ano	N. tec	Música	Cantora	Notic.	Publicidade	Novela	Política	Prest. de serv.	Total
Clarissa (1933)	1	1							2
Caminhos cruzados (1935)	5	5							10
Música ao longe (1935)	3								3
Um lugar ao sol (1936)	3	3	2						8
Olhai os lírios do campo (1938)	1	2		1			1	1	6
Saga1941	6	1	7	3	2				19
O Resto é silêncio (1943)	3	2		3		2			10
Total	22	14	9	7	2	2	1	1	58

Fonte: Elaboração própria

Ao se analisar os quadros observa-se, com clareza, a evolução histórica e de programação do veículo. Nos três primeiros romances, de 1933 e 1935, o rádio surge como a nova tecnologia presente na vida social e símbolo de status de se possuir um aparelho, além da possibilidade de se ouvir música. As cantoras de rádio são citadas pela primeira vez no romance de 1936 e o escritor ainda não utiliza o veículo como outras possibilidades. A partir do quarto romance, de 1938, já aparecem citações sobre as notícias, a política e a prestação de serviços. No livro de 1941 a publicidade aparece no enredo e, por fim, na obra de 1943 a radionovela é utilizada na trama e coincide com a introdução do gênero na Rádio Difusora Porto-Alegrense, mostrando a sintonia que Erico Verissimo tinha com o que ocorria efetivamente no rádio da cidade. Conforme Ferraretto (2002),

Até 1943, no radioteatro gaúcho, preponderavam *sketches* e peças isoladas. Naquele ano, adquirem contornos mais definidos as narrativas noveladas – em que o enredo se desenvolve, de forma encadeada, ao longo de vários capítulos – e seriada – na qual a cada episódio, embora os personagens básicos sejam os mesmos, apresenta-se uma estória com início, meio e fim. (FERRARETTO, 2002, p. 184)

De acordo com o autor, a primeira novela a ser irradiada foi “no dia 28 de março de 1943, um domingo às 20h., quando os ouvintes da Rádio Difusora Porto-Alegrense começaram a acompanhar o Folhetim Sonoro da PRF-9, com o drama *O Solar dos Alvarenga*, novela escrita por Roberto Lis” (FERRARETTO, 2002, p.184). É interessante lembrar, ainda, que no ano anterior, 1941, tinha sido radiofonizada a primeira novela no Brasil, “Em busca da felicidade”, do cubano Leandro Blanco, adaptada por Gilberto Martins (Haussen, 2017, p.61).

Uma cronologia

Em 1933, quando “Clarissa” é lançado, Porto Alegre contava com uma emissora, a Rádio Sociedade Gaúcha, fundada em 1927 (as outras duas a serem implantadas seriam a Rádio Difusora, em 1934, e a Rádio Farroupilha, em 1935). Erico Verissimo estava com 28 anos de idade, e sua adolescência e juventude haviam acompanhado o nascimento e implementação do veículo no país, que contava com o rádio oficialmente desde 1922, quando o escritor tinha 17 anos. Este fato esclarece, de certa maneira, as referências ao rádio como símbolo de status e nova tecnologia, preponderantes nos romances dos anos 30 e 40 do autor. Numa das citações sobre o rádio em “Clarissa” observa-se a importância que era conferida a quem possuísse um aparelho de rádio e o sentimento de injustiça sentido pelo personagem Levinsky:

Pois ali naquele palacete mora um homem rico, que tem dinheiro no banco, que tem muitos filhos que andam bem vestidos e bebem bastante leite. Um homem que tem uma casa, rica, cheia de quadros, de vasos, de tapetes, de rádios, vitrolas, gatos, cachorros. Agora eu pergunto: isto está direito? Isto é justo? (VERISSIMO, 1999, 50ª ed., p. 188)

Por outro lado, a magia propiciada pelo rádio de poder se ouvir, através das ondas curtas, a música e a locução de outro país, era sentida por Clarissa:

Do rádio da casa vizinha vem a voz do *speaker*. – LR 3, *Rádio Nacional de Buenos Aires*. Uma voz grave e sonora. Buenos Aires ... – pensa Clarissa. Deve ser bonito ... Casas altas, muito altas, muita gente, teatros, cinemas, praças ... Viajar ... Ir pelo mundo, ver coisas novas (...) Outra vez a voz do *speaker*: - *Se va a transmitir ahora el Nocturno nº 2 de Chopin. Gravación*. Um violoncelo começa a gemer. (VERISSIMO, 1999, 50ª ed., p. 166)

“Caminhos cruzados” (1935) faz dez alusões ao rádio, sendo cinco sobre música e cinco sobre o aparelho e o hábito de ouvir o veículo. Nas relativas à música, o autor descreve a personagem que dança ao som da música, o motorista que ouve rádio no carro e a dona de casa que aprecia música. Já personagens como o professor Clarimundo possuem uma visão contraditória sobre o veículo, ao mesmo tempo que admiram o progresso científico e têm críticas aos excessos do uso das novas invenções.

O progresso é horrível: bondes, automóveis, gramofones, rádios, máquinas, máquinas e mais máquinas. A admiração de Clarimundo pela ciência, que tornou possível todas estas máquinas, fica limitada dentro dos limites da teoria. Um rádio não é admirável porque nos faça ouvir

música, mas sim porque é um milagre da ciência. (VERISSIMO, 1940, 5ª ed., p.180-181)

No livro de 1935 Verissimo já faz alusão ao rádio no carro:

O motor começa a trabalhar: um tamborilar macio e surdo. O carro arranca. D. Dodó respira (...) – Jacinto, ligue o rádio. O chauffeur obedece. O alto-falante produz um tiroteio breve cortado de assobios. Depois uma onda de música invade o carro. Uma valsa. (VERISSIMO, 1940, 5ª ed. p. 63-64)

Assim como o aparelho de rádio em casa, o dos automóveis também era sinônimo de status e modernidade:

Dentro duma baratinha Dodge um rádio jorra para o ar luminoso os mesmos sons que neste mesmo instante os músicos da Banda Municipal produzem no auditório Araújo Viana. Verdi. (...) “Todos os músicos da Banda Municipal agora se manifestam num final grandioso. Parece que o alto-falante do rádio da baratinha vai arrebentar. (VERISSIMO, 1940, 5ª ed. p.161)

Em “Música ao longe” (1935) há três referências ao rádio e todas remetem à nova tecnologia. A década de 30 do século XX ainda reflete as grandes descobertas do final do século anterior e se deslumbra com as novas invenções, como aponta o texto de Verissimo (1981):

O velho Leocádio Santarém é o homem mais instruído da cidade. Inventou um calendário perpétuo, descobriu uma constelação nova no céu e comunicou a descoberta a uma sociedade francesa de astronomia. Faz sonetos, sabe grego e aramaico, é charadista de primeira ordem e muito antes de Marconi sonhar com o sem-fio já ele andava fazendo experiências no pátio de casa com um aparelho muito semelhante aos de radiotelegrafia. (VERISSIMO, 1981, 30ª ed., p. 71)

O encantamento com as novas invenções era sentido no mundo inteiro, e apontava para grandes transformações, como destaca Sarlo (1997):

O impacto tem a ver com a possibilidade ao mesmo tempo tecnológica e cultural do meio: com efeito, trata-se não só de uma inovação espetacular senão um novo gênero cultural em sentido estrito. Como inovação realiza fantasias que não são apenas tecnológicas: a comunicação sem fio à distância, a captação de ondas invisíveis, a manipulação da recepção, sobretudo em aparelhos a galena, a presença da voz e a música sem corpo, que remete à desmaterialização e ao trânsito de uma cultura baseada na

visão não mediada a uma cultura sustentada sobre a mediação. (SARLO, 1997, p. 16-17)³

Para a autora, se o rádio dos anos iniciais “é um invento milagroso, outros inventos, os mais adoidados ou os mais triviais, ocupam a técnicos e aficionados. A própria figura do inventor como tipo moderno implanta-se na imaginação dos jornalistas, comerciantes e cidadãos habilidosos” (SARLO, 1997, p. 17)⁴.

Em 1936 Verissimo publica “Um lugar ao sol” e no romance há citações sobre a música, o aparelho de rádio e, pela primeira vez, aparece o tema das cantoras de rádio. Em sua trama o autor aborda o conflito que surge nas famílias em que as moças queriam fazer carreira no veículo. Lu, a filha, tinha sonhos:

Era moça, queria aproveitar a vida. Um dia a velhice chegava e tudo ficava perdido para sempre. Não havia moças que tinham automóveis, que cantavam no rádio, que viajavam, que dançavam, que possuíam vestidos bonitos? (VERISSIMO, 1978, 20ª ed., p. 192)

Dona Magnólia, mãe de Lu, pensa diferente: “Seus olhos entristeciam. A filha era desobediente, má, atrevida. Queria viver na pândega. Namorava um rapaz perdido com jogo e com mulheres. Queria cantar no rádio. Sentia-se atraída por tudo quanto era divertimento de Satanás”. (VERISSIMO, 1978, 20ª ed., p. 226)

“Olhai os lírios do campo”, lançado em 1938, apresenta seis inserções sobre o rádio, de temas variados. Entre eles, aparece pela primeira vez o rádio como prestador de serviços, no caso, a busca de informações sobre um desaparecido:

Comprou um jornal no primeiro *stand*, abriu-o e procurou a página dos pequenos anúncios. Lá estava a nota que mandara publicar. “Deseja-se saber o paradeiro de Ernesto Fontes. (Seguiam-se os sinais). Quem der uma informação segura ao Dr. Eugênio Fontes, Rua da Paz, 675, receberá boa gratificação”. Mandara ler aquelas mesmas palavras nas estações de rádio locais. Havia de achar Ernesto, custasse o que custasse. (VERISSIMO, 2003, 2ª ed. rev., p. 182)

O romance “Saga”, de 1941, é o que mais traz citações sobre o rádio, 19 no total. Nele, volta o tema das cantoras de rádio assim como o da presença do aparelho nos diversos locais e a sua importância como a principal tecnologia de então. Também são

³ Tradução do espanhol pela autora

⁴ Tradução do espanhol pela autora

citadas a publicidade, a música e as notícias. Sobre a publicidade nota-se a crítica aos excessos do apelo ao consumo:

Os anúncios publicados nos jornais, berrados nos rádios ou pessoalmente por meio de vendedores renitentes convencem a esposa de Anacleto que ela precisa ter um novo refrigerador com *fecho de metal cromado*. Inventam uma nova espécie de vergonha: a de não ter em casa um refrigerador com esse “novo dispositivo”. (VERISSIMO, 1985, 20ª ed., p.300)

Há, também uma primeira citação à televisão do personagem dom Miguel, ferido na guerra e hospitalizado junto com Vasco (personagem principal), em que se destaca o espírito do tempo:

Os homens complicaram muito a vida. Veja ... Rádio, jornais sensacionalistas, televisão, aviões. Pressa, muita pressa. Vive-se depressa, morre-se depressa, come-se depressa, ama-se depressa. É como se quiséssemos chegar o quanto antes a um ponto determinado. No fim veremos que não há nenhum objetivo sério. E os homens, cansados e gastos, vítimas das máquinas e dos mitos que eles mesmo criaram, chegarão à certeza de que é preciso procurar outra coisa ... (VERISSIMO, 1985, 20ª ed., p.125)

O autor também aborda a publicidade, com as características da época, e a apresentação das cantoras de rádio:

Ouve-se a voz do *speaker*: - Vamos agora apresentar aos nossos ouvintes a “Pequena Prodígio”. – E com uma ênfase pernóstica, destacando bem as sílabas: Mo-des-ti-na Bra-ga, num programa do Xarope Bronquialívio, o melhor remédio contra a tosse. Prezados ouvintes, não se esqueçam: Quando Romeu subiu no balcão da sua amada numa noite de inverno e apanhou tremendo resfriado, teve suas declarações de amor interrompidas várias vezes por um acesso de tosse. E a bela Julieta lhe murmurou ao ouvido: “Meu amor, por que não tomas Bronquialívio?” – Com voz mais forte e gloriosa conclui: - Bronquialívio, o remédio que podia merecer um poema de Shakespeare! Ouve-se ao fundo a orquestra tocar em surdina uma valsa lenta. (VERISSIMO, 1985, 20ª ed., p. 232)

Em relação às notícias, há referência ao início da guerra: “Domingo à tarde, na casa de Noel e Fernanda. Acabamos de ouvir pelo rádio as últimas notícias da Europa. A guerra foi declarada. Estamos deprimidos. Sete caras sombrias” (VERISSIMO, 1985, 20ª ed., p. 305). Por outro lado, o medo em relação às consequências do conflito, já são sentidas pelo personagem de Vasco:

Não deixarei que os jornais continuem entrando nesta casa ou que o rádio todos os dias aí esteja a narrar os horrores da guerra. Porque não quero que o meu filho antes de nascer comece já a sofrer através da mãe, as dores de um mundo sombrio e doido. (VERISSIMO, 1985, 20ª ed. p. 343)

No último romance analisado para este artigo, “O resto é silêncio”, de 1943, há dez citações sobre o rádio, relativas ao aparelho, às notícias, à música e às radionovelas. Sobre a influência dos meios de comunicação e das radionovelas, as considerações são do personagem padre Marcelo, que faz anotações para o seu próximo sermão: “Mencionar as novelas escritas para alimentar o apetite sensacionalista do público – apetite este alimentado pelos próprios americanos do norte através do rádio, do cinema, do livro, dos jornais e revistas” (VERISSIMO, 1981, 16ª ed. p.182). O padre tem uma visão crítica sobre os meios de comunicação: “Necessidade de opor uma força a essa invasão que nos vem através do cinema, do rádio, do livro e da imprensa. O país se despersionaliza, absorvendo “americanices” todo o dia pelos olhos e pelos ouvidos” (VERISSIMO, 1981, 16ª ed., p. 183).

Por fim, percebe-se o rádio, como em todos os romances analisados anteriormente, sendo visto fazendo parte de um hábito arraigado no cotidiano: “Passadas no andar superior, Rita martelando no piano, Nora cantarolando no quarto, Lívia dando ordens na cozinha, o rádio aberto na sala de estar, e de vez em quando, algum vendedor batendo palmas lá fora ...” (VERISSIMO, 1981, 16ªed., p. 59).

O escritor e o imaginário

O imaginário que Erico Verissimo apresenta em seus romances aponta para a vida cotidiana da primeira metade do século XX, com seus indicativos de modernidade: as máquinas, as invenções tecnológicas, a prensa, a publicidade começando a incitar o consumo, o desejo de participar dessa nova sociedade. Neste sentido, são interessantes as observações da escritora Simone de Beauvoir (1982) sobre a produção do escritor:

Quer se trate de um romance, de uma autobiografia, de um ensaio, de uma obra de história, ou do que que seja, o escritor procura estabelecer uma comunicação com os outros a partir da singularidade de sua experiência vivida; sua obra deve manifestar sua existência e trazer sua marca: e esta, ele a imprime através de seu estilo, seu tom, o ritmo de sua narrativa. Nenhum gênero é, *a priori*, privilegiado ou condenado. A obra – se é uma realização – define-se, de toda maneira, como um universal

singular, existindo sob a forma de imaginário. (BEAUVOIR, 1982, p. 128)

Os escritores, ao darem forma às suas ficções, utilizam-se, muitas vezes, de dados concretos da realidade para conferir sentido aos enredos criados. Ao fazê-lo, buscam no imaginário próprio ou no social, material para as suas construções. O imaginário, portanto, é a base dessas criações literárias. Neste sentido, Morin (1984) considera que o imaginário não só delinea o possível e o realizável, "mas cria mundos impossíveis e fantásticos" (MORIN, 1984, p. 81).

Por sua vez, Silva (2003) destaca que "no imaginário, nunca há verdade, pois nele tudo é invenção, narrativa, seleção, bricolagem, modo de ser no mundo. No imaginário, em consequência, não há verdadeiro nem falso. Como num romance, todos os enredos são possíveis e legítimos" (SILVA, 2003, pg. 50). Para o autor,

Os melhores cartógrafos de imaginários são os escritores, os romancistas, os cronistas do cotidiano e os repórteres. Todos aqueles que procuram captar os flagrantes do vivido, livres da obsessão explicativa, impulsionados pelo vírus da empatia, da compreensão, da descrição, da fotografia. O imaginário é sempre irredutível. Não se reduz ao utilitário, ao explicável, ao ideológico, à crença, à razão, ao científico, ao cognitivo, à cultura (...) Pelo imaginário, cada um faz da sua vida uma obra de arte. O autor, no caso, cria, involuntariamente, seus próprios parâmetros, seu público, seu cânone e a sua forma de narrar. (SILVA, 2003, p.51).

É preciso lembrar, ainda, que no texto do ficcionista encontra-se também o receptor (ou a ideia que o autor faz deste receptor), como salienta Zilberman (1984):

No gesto que move o ficcionista, o cineasta, o desenhista de quadrinhos ou o roteirista de televisão, define-se de um lado o milenar gesto de narrar, testemunhar; do outro, sua esperança de contentar a inesgotável sede de fantasia e imaginação de seu leitor/espectador. (ZILBERMAN, 1984, pg. 6)

No conteúdo das obras de ficção, portanto, encontra-se, também, a percepção relativa ao possível consumidor daquela produção. Neste sentido, Verissimo em sua obra inclui tanto os fatos reais e a sua observação dos mesmos como a própria influência que o público exerce neste olhar do ficcionista. Em relação aos romances analisados, observa-

se que o autor traz o imaginário do seu tempo, relativo principalmente à nova tecnologia radiofônica e a sua absorção pelo público no seu cotidiano. A importância de possuir um aparelho, o hábito de ouvir rádio, principalmente a música e as notícias, as novidades da publicidade e o fascínio das jovens por se apresentar no rádio fazem parte dos romances que retratam esse período inicial do veículo e deixam um legado importante sobre a sociedade da época.

Considerações finais

A aproximação entre rádio e literatura mostra que ficção e realidade se misturam para dar forma ao conteúdo projetado pelo escritor. No caso em análise neste artigo, observa-se que Erico Verissimo apoia-se na realidade quando se utiliza do rádio para compor os seus enredos ao mesmo tempo em que a ficção é introduzida. O rádio que aparece nos sete romances é o mesmo que se criava e solidificava naquele momento, e o deslumbramento com a nova tecnologia era uma realidade vivida pela sociedade.

Neste sentido, concorda-se com Sarlo (1997), quando a autora se refere às experiências com as tecnologias e o seu significado (tanto técnico quanto mítico):

A aura técnica é um fenômeno novo, que se produz apenas quando uma área da tecnologia está suficientemente próxima para que outra pareça distanciada e inalcançável. Nesta defasagem entre o efetivamente incorporado à vida cotidiana e o que é apenas uma promessa, instala-se a imaginação ficcional, à qual interessam menos as explicações detalhadas dos processos do que o relato do que estes processos tornarão possível quando os dominemos por inteiro. (SARLO, 1997, p. 132)⁵.

Um bom exemplo encontra-se em “Música ao longe” (1935), nas observações do personagem Leocádio Santarém, citado anteriormente, que, na ficção do autor, muito antes de Marconi já fazia experiências com um aparelho semelhante ao da radiotelefonía.

Portanto, não é estranhável que, nos romances analisados, a inclusão do rádio como nova tecnologia seja constante em todos eles. O veículo, nos anos 30 do século XX, encontrava-se em implantação e, nos anos 40 se consolidaria. Neste sentido, a produção literária de Erico Verissimo, correspondente ao período entre 1933 e 1943, traz um rico panorama do desenvolvimento do rádio, além de uma admirável ficção.

⁵ Tradução do espanhol pela autora.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, S. **Balanco Final**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

FERRARETTO, L. A. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas, Editora da ULBRS, 2002.

----- . **A Feira do Livro, os escritores e o rádio**, 2017. Disponível em: <http://www.radionors.jor.br/1999/12ª-feira-do-livro-escritores-e-o-radio.html> Visto em 05 maio 2021.

HAUSSEN, D. F. **Rádio e Política. Tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre, Edipucrs, 2017, 3ª ed.

----- Rádio e imaginário na obra de Erico Verissimo: uma análise de Incidente em Antares. **Revista Logos**. Rio de Janeiro, 2011, p. 96-106 www.e-publicacoes.uerj.br

HOHLFELDT, A. **Erico Verissimo**. Porto Alegre, Tchê Comunicações. Coleção “Esses gaúchos”, 1984.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo - 1. Neurose**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1984, 6ª ed.

VERISSIMO, E. **Caminhos cruzados**. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1940, 5ª ed.

----- . **Clarissa**. São Paulo, Globo, 1999, 50ª ed.

----- . **Um lugar ao sol**. Porto Alegre, Ed. Globo, 1978, 20ª ed.

----- . **Música ao longe**. Porto Alegre/Rio de Janeiro, Ed. Globo, 1981, 30ª ed.

----- . **Olhai os lírios do campo**. São Paulo, Globo, 2003, 2ª ed. revisada. Coleção Aventura de Ler.

----- . **Saga**. São Paulo, Globo, 1985, 20ª ed.

----- . **O resto é silêncio**. Porto Alegre/Rio de Janeiro, Ed. Globo, 1981, 16ª ed.

SARLO, B. **La imaginación técnica. Sueños modernos de la cultura argentina**. Buenos Aires, Nueva Visión, 1997.

SILVA, J. M. da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre, Sulina. 2003.

ZILBERMAN, R. A literatura e o apelo das massas. In AVERBUCK, Ligia. **Literatura em tempo de cultura de massa**. São Paulo, Nobel, 1984.

